

Comentário Bíblico Exegético

Salmos 69-75 (KJA)

Estudo acadêmico versículo a versículo dos Salmos 69 a 75, com análise contextual, literária e teológica, baseado na versão King James Atualizada.

[Iniciar Estudo](#)

[Sobre o Autor](#)

Introdução Geral aos Salmos 69–75

Os Salmos 69 a 75 constituem um bloco literário de riqueza teológica ímpar, situado no Livro IV do Saltério hebraico. Seu contexto remonta ao período de intensa turbulência histórica de Israel — marcado por ameaças externas, exílio e crise de identidade nacional. Esses salmos refletem com profundidade a tensão entre o sofrimento presente e a esperança escatológica fundamentada no caráter de Deus.

Contexto Histórico

Compostos e usados no período pós-exílico, esses salmos expressam o lamento coletivo e individual de Israel diante da opressão, da dúvida e da restauração esperada.

Temas Centrais

- Sofrimento e clamor diante de Deus
- Confiança na justiça e soberania divina
- Tipologia messiânica e cumprimento em Cristo
- Louvor como resposta de fé em meio à adversidade

Do ponto de vista litúrgico, esses salmos foram centrais nas celebrações do templo, nas sinagogas e, posteriormente, na adoração cristã primitiva, exercendo profunda influência na formação da teologia bíblica ocidental.

Salmo 69: Versículos 1–3 — O Clamor do Sofredor

"Salva-me, ó Deus, porque as águas têm entrado e encoberto a minha alma." — Salmo 69:1 (KJA)

Análise Exegética

O termo hebraico *mayim* (מַיִם — "águas") funciona como metáfora poderosa de caos, morte e abandono no imaginário semítico. A expressão "encoberto a minha alma" utiliza *nephesh* (נֶפֶשׁ), indicando não apenas a alma, mas a totalidade da existência do orante. A imagem do afogamento traduz a angústia existencial de quem se vê completamente submerso pela adversidade.

Referências Cruzadas

- **Jonas 2:5** — linguagem paralela de imersão nas profundezas
- **Salmo 18:16** — Deus que resgata das águas profundas
- **João 15:25 / Rm 15:3** — aplicação messiânica ao sofrimento de Cristo
- **Lamentações 3:54** — imagem semelhante no contexto do exílio

Salmo 69: Versículos 4-12 — Inimigos e Injustiça

"Os que me odeiam sem motivo são mais numerosos que os cabelos da minha cabeça." — Salmo 69:4 (KJA)

A hipérbole poética neste trecho serve como recurso retórico deliberado para expressar a dimensão avassaladora da perseguição injusta. O salmista não exagera irresponsavelmente, mas utiliza a linguagem do extremo para comunicar uma realidade esmagadora. Comentaristas como **A. R. Fausset** observam que essa linguagem reflete o sofrimento do justo que não compreende a origem da hostilidade que enfrenta.

Figura do Justo Sofredor

A tradição hebraica do *tsaddiq* sofredor encontra seu ápice neste salmo. O inocente que padece injustamente prefigura a paixão de Cristo, citada explicitamente em João 15:25 ("odiaram-me sem causa").

Tipologia Messiânica

Barnes destaca que os versículos 4, 9 e 21 são diretamente aplicados a Jesus no Novo Testamento (Jo 2:17; Rm 15:3; Mt 27:34), configurando o Salmo 69 como um dos mais citados textos messiânicos do Saltério.

Linguagem Poética e Hiperbólica

O uso de hipérbolés não compromete a veracidade do texto, mas intensifica sua carga emocional e teológica. Essa é uma característica marcante da poesia semítica de lamento.

Salmo 69: Versículos 13-21 —

"Mas eu, Senhor, clamo a ti; e de manhã a minha oração te prepara o caminho." — Salmo 69:13 (KJA)

Lamento e Confiança

A estrutura deste trecho revela a dialética fundamental dos salmos de lamento: o clamor angustiado coexiste com a confiança inabalável. O orador não silencia sua dor, mas a dirige a Deus com expectativa de resposta.

Aplicação Contemporânea

A oração matinal como disciplina espiritual reflete a postura do salmista: voltar-se a Deus antes que o dia traga seus desafios.

O Termo "Selá" — סֵלָה

Aparecendo estrategicamente nos versículos, *Selá* provavelmente indicava uma pausa musical ou instrumental na liturgia do templo, convidando os adoradores à meditação sobre o que acabava de ser cantado. Sua função é ao mesmo tempo litúrgica e hermenêutica.

Fé em Crise

Este trecho é modelo para crentes que passam por períodos de incompreensão espiritual, mostrando que a fé genuína não elimina o questionamento, mas o transcende.

Salmo 70: Versículos 1-5 —

"Apressa-te, ó Deus, a me livrar; apressa-te, ó Senhor, em meu socorro." — Salmo 70:1 (KJA)

O Salmo 70 é notável por sua brevidade e urgência. Trata-se de um hino de socorro imediato, possivelmente destinado ao uso litúrgico em momentos de aflição aguda. Sua estrutura literária é dominada pelo paralelismo sinonímico e antitético, recurso que intensifica o clamor e contrasta a humildade do fiel com a arrogância dos inimigos.

Estrutura Literária

O paralelismo entre os versículos 1–3 e 4–5 cria uma moldura retórica precisa: enquanto os adversários são condenados à vergonha, os que buscam a Deus são convocados à alegria. Essa antítese é teologicamente deliberada.

Relação com o Salmo 40

O Salmo 70 é quase idêntico ao trecho final do Salmo 40 (versículos 13–17), sugerindo uso litúrgico independente de uma composição maior. Essa reutilização demonstra a dinâmica viva dos textos sagrados dentro da tradição israelita.

Salmo 71: Versículos 1-8 —

"Em ti, Senhor, me refugio; nunca seja eu confundido." — Salmo 71:1 (KJA)



Refúgio — מַחֲסֵה (Maḥseh)

O vocabulário hebraico para "refúgio" carrega conotação de proteção física e espiritual. O termo implica um lugar de abrigo confiável, uma rocha inabalável diante das tempestades da vida.



Fidelidade ao Longo da Vida

Ao mencionar que confia em Deus "desde o ventre materno" (v. 6), o salmista cria uma teologia da fidelidade divina que percorre toda a existência humana — da concepção à velhice.



Importância Pastoral

Este salmo tem valor pastoral inestimável para idosos, enfermos e pessoas em vulnerabilidade, pois afirma que Deus não abandona seus filhos quando a força física declina.

Salmo 71: Versículos 9-24 – Testemunho e Louvor

Contínuo

Na segunda metade do Salmo 71, o tom se desloca gradualmente do lamento para a declaração de louvor. O salmista, mesmo em meio à adversidade e ao enfraquecimento físico, assume postura de proclamador ativo da justiça divina. Essa transição é teologicamente significativa: a experiência do sofrimento não silencia o adorador, mas o prepara para um testemunho mais profundo e autêntico.

Missão Profética

O versículo 18 expressa o desejo do salmista de proclamar o poder de Deus às gerações futuras. Essa visão transgeracional conecta a experiência pessoal de fé com a responsabilidade missionária coletiva.

Dimensão Evangelística

A declaração "proclamarei a tua justiça e a tua salvação o dia todo" (v. 15) antecipa a missão evangelística do Novo Testamento. O salmista compreende que sua restauração é também testemunho público do caráter redentor de Deus.

Salmo 72: Versículos 1-14 – Oração pelo Rei Justo

"Dá ao rei os teus julgamentos, ó Deus, e a tua justiça ao filho do rei." — Salmo 72:1 (KJA)

O Salmo 72 é uma oração real de extraordinária riqueza teológica e política. Trata-se de uma intercessão para que o rei de Israel governe segundo os padrões divinos de justiça e misericórdia. O texto reflete a teologia real hebraica, na qual o monarca é representante de Deus na terra — responsável pela defesa dos pobres, dos oprimidos e pela administração da justiça distributiva.

1

Representação Divina

O rei ideal não governa por poder próprio, mas como delegado de Deus, responsável por espelhar a justiça divina em suas decisões políticas e sociais.

2

Defesa dos Pobres

O texto enfatiza repetidamente (vv. 2, 4, 12-14) a obrigação real de defender os marginalizados — uma ética social que antecipa a missão do Reino de Deus.

3

Cumprimento Messiânico

O cumprimento pleno desse ideal só é encontrado em Jesus Cristo, o Rei dos reis, cujo reinado eterno realiza plenamente cada expectativa deste salmo.

Salmo 72: Versículos 15–20 — Bênçãos e Louvor Final

O encerramento do Salmo 72 eleva o tom para uma doxologia universal. A prosperidade do reinado justo não é apresentada como fim em si mesma, mas como manifestação da bênção divina que se estende a toda a criação. A expressão "toda a terra seja cheia da sua glória" (v. 19) aponta para um horizonte escatológico onde o reinado ideal culmina na glória universal de Deus.

Linguagem Inclusiva

O salmo utiliza expressões que abarcam "todas as nações" e "toda a terra", revelando que a visão do reino justo tem alcance universal, não apenas nacional.

Uso Litúrgico

Este salmo foi usado em celebrações de entronização real em Israel e, posteriormente, em festividades messiânicas cristãs, especialmente no período do Advento e do Natal.

Doxologia Final

O versículo 18-19 é considerado o encerramento do Livro II do Saltério, funcionando como uma bênção que sela toda a coleção anterior de salmos.

Salmo 73: Versículos 1-12 —

"Na verdade, Deus é bom para com Israel, para com os limpos de coração." — Salmo 73:1 (KJA)

O Salmo 73 inaugura o Livro III do Saltério com uma crise teológica profunda. O salmista Asafe confessa que quase perdeu a fé ao observar a prosperidade aparente dos ímpios. Esse conflito interno não é fraqueza, mas honestidade espiritual — e o texto o registra sem censura ou minimização.

Análise Psicológica

O texto revela com precisão os mecanismos da inveja espiritual: o justo compara sua situação com a dos ímpios e conclui, erroneamente, que a piedade não vale a pena (v. 13). Esse é um dos mais honestos retratos da crise de fé na literatura bíblica.

Análise Teológica

A abertura afirmativa ("Na verdade, Deus é bom") contrasta com o relato da tentação que se segue, criando uma tensão narrativa deliberada. O salmista sabe a verdade teológica, mas sua experiência emocional a contradiz — situação universalmente reconhecível pelo crente.

Salmo 73: Versículos 13–28 — Revelação e Confiança Restaurada

"Até que entrei no santuário de Deus; então compreendi o fim deles." — Salmo 73:17 (KJA)

O ponto de virada do Salmo 73 ocorre no versículo 17, quando o salmista entra no santuário. A presença de Deus transforma radicalmente sua perspectiva: o que parecia prosperidade se revela como fragilidade; o que parecia injustiça se descobre como providência. O *qodesh* (שֹׁדֵשׁ — lugar santo) funciona aqui como espaço revelador, onde a realidade é vista pela ótica da eternidade.

→ Entrada no Santuário

A adoração comunitária e a liturgia do templo transformam o olhar do salmista, mostrando que a crise de fé é resolvida pela presença de Deus, não por argumentação intelectual.

→ Compreensão do Fim dos Ímpios

O versículo 18-19 revela que a prosperidade dos ímpios é efêmera — "lugares escorregadios" que levam à destruição repentina. A perspectiva eterna invalida a inveja temporal.

→ Confiança Restaurada

"Mas eu, o estar perto de Deus é bom para mim" (v. 28) — essa confissão final representa a resolução da crise e o fundamento da fé renovada: proximidade com Deus como bem supremo.

Salmo 74: Versículos 1-11 — Lamento pela Destruição do Templo

"Ó Deus, por que nos rejeitaste para sempre? Por que a tua ira fumeja contra o rebanho do teu pasto?" — Salmo 74:1 (KJA)

O Salmo 74 é um dos grandes lamentos comunitários do Saltério, provavelmente composto no contexto da destruição de Jerusalém e do templo pela Babilônia (586 a.C.). A intensidade emocional e a riqueza retórica revelam uma comunidade em colapso existencial, que interpela Deus diretamente sobre o aparente abandono de sua aliança.

Crise Nacional

Destruição do templo e da cidade — o centro da identidade religiosa e nacional de Israel é reduzido a cinzas.

1

2

Clamor ao Pacto

O salmista apela à memória da aliança divina: "Lembra-te da tua congregação" (v. 2) — Deus é invocado por sua fidelidade histórica.

Esperança Messiânica

Mesmo no fundo do lamento, persiste a esperança de que Deus agirá novamente em favor do seu povo, prefigurando a restauração messiânica.

3

Salmo 74: Versículos 12–23 – Confiança na Soberania de Deus

"Deus, contudo, é meu Rei desde a antiguidade, operando salvação no meio da terra." — Salmo 74:12 (KJA)

Deus como Criador e Juiz

Os versículos 12–17 recorrem ao motivo cosmogônico da criação, onde Deus subjuga as forças do caos primordial (*Leviatã*, "dragão", "mares"). Essa linguagem mítica adaptada serve para afirmar que o mesmo Deus que ordenou a criação possui poder soberano para restaurar o que foi destruído.

Domínio sobre o Caos

Deus estabelece os limites do mar, do sol e da lua — imagens que afirmam sua soberania absoluta sobre toda a criação.

Aplicação Escatológica

O apelo final por julgamento contra os inimigos (vv. 18–23) possui dupla dimensão: histórica (restauração de Israel) e escatológica (julgamento final dos poderes que se opõem a Deus). A teologia bíblica cristã lê esse texto à luz do triunfo final de Cristo sobre todo poder adverso.

Fidelidade à Aliança

O apelo "Não entregues à fera a alma da tua rola" (v. 19) é uma invocação poética da proteção do pacto divino sobre o povo vulnerável.

Salmo 75: Versículos 1–7 — Ação de Graças e Julgamento Justo

"Louvamos a ti, ó Deus; louvamos, e perto está o teu nome; os homens contam as tuas maravilhas." — Salmo 75:1 (KJA)

O Salmo 75 inaugura-se com uma doxologia coletiva, funcionando como resposta litúrgica ao lamento do Salmo 74. A transição do pranto para o louvor reflete a estrutura teológica do Saltério: Deus responde ao clamor do seu povo. O versículo 2 apresenta uma fala divina direta — recurso raro no Saltério — em que Deus afirma que julgará "no tempo determinado".

Culto Público

O louvor coletivo ("louvamos a ti... louvamos") indica contexto litúrgico comunitário. O culto público é aqui apresentado como ato político e teológico de afirmação da soberania divina.

Julgamento no Tempo Determinado

A expressão "no tempo determinado" (*mo'ed* — מועד) possui conotação festiva e judicial. Deus não é omissor — ele age em seu tempo soberano, o que exige paciência e confiança do crente.

Estabilidade da Criação

O versículo 3 — "Eu firmei os seus pilares" — retoma o motivo cosmogônico do Salmo 74, afirmando que Deus sustenta a ordem moral e física do universo.

Salmo 75: Versículos 8-10 —

"Porque na mão do Senhor há um cálice, e o vinho está cheio de mistura; e ele o derrama." — Salmo 75:8 (KJA)

O simbolismo do cálice da ira divina é um dos mais poderosos da literatura bíblica. Em contexto semítico, a taça de vinho representa destino — bênção ou julgamento — dispensado pelo soberano. Aqui, Deus humilha os orgulhosos e exalta os humildes, revelando uma ética escatológica que inverte as hierarquias humanas.

Simbolismo da Taça

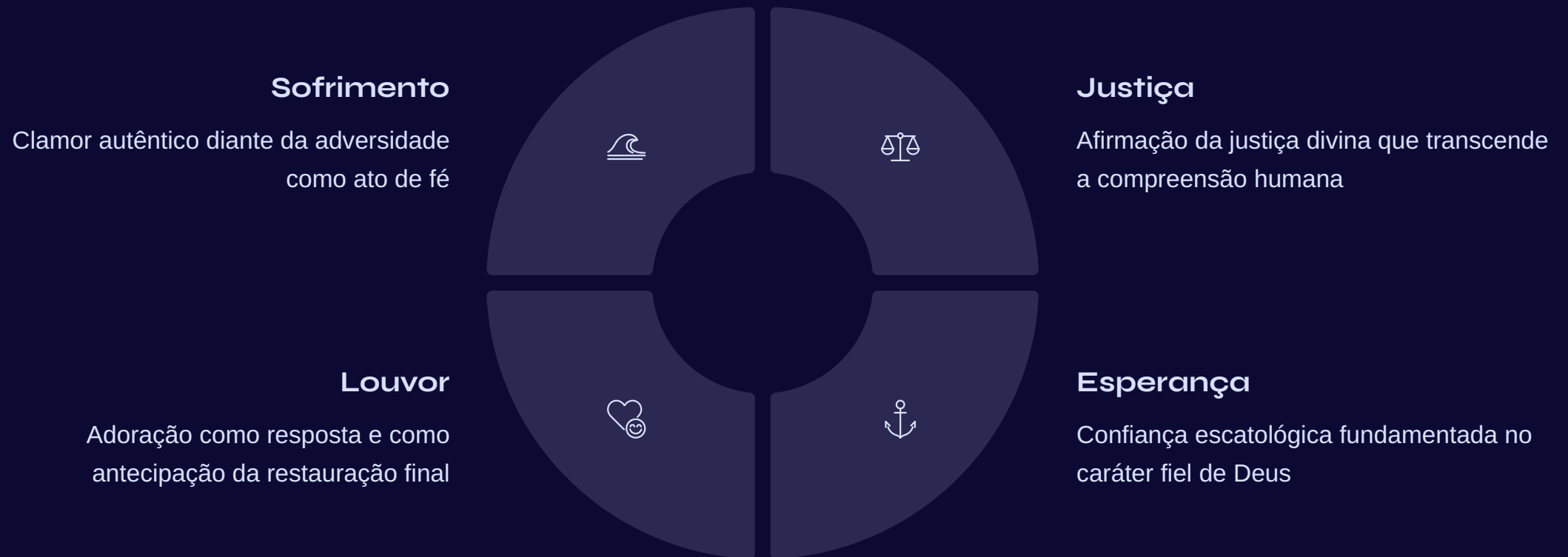
O cálice da ira aparece em Jeremias 25:15, Apocalipse 14:10 e 16:19 — confirmando sua centralidade na teologia bíblica do julgamento. A imagem é retomada por Jesus no Getsêmani ("que este cálice passe de mim"), revelando que ele mesmo carregou o julgamento em favor dos pecadores.

Aplicação Ética

O versículo 10 — "cortarei todos os chifres dos ímpios, mas os chifres do justo serão exaltados" — funciona como exortação moral: a soberania justa de Deus deve motivar humildade e retidão ética na vida do crente, que sabe que nenhuma injustiça escapa ao juízo divino.

Síntese Teológica dos Salmos 69-75

A leitura integral dos Salmos 69 a 75 revela uma arquitetura teológica coerente: esses salmos descrevem a jornada da alma desde o clamor angustiado até o louvor restaurado, passando pela crise de fé, o encontro com Deus no santuário e a reafirmação de sua soberania. Esta trajetória é simultaneamente individual e coletiva, pessoal e nacional, histórica e escatológica.



- ☐ A figura do **justo sofredor** permeia todos esses salmos como tipologia messiânica, encontrando cumprimento pleno na pessoa e obra de Jesus Cristo — o que torna esses textos imprescindíveis para a teologia bíblica cristã.

Aplicações Práticas e Reflexões Espirituais

Fé em Tempos de Crise

Os Salmos 69–75 demonstram que a crise espiritual não é sinal de fraqueza, mas oportunidade para um encontro mais profundo com Deus. O lamento honesto é uma forma legítima e necessária de oração.

O Papel da Oração e do Louvor

Esses salmos ensinam que oração e louvor não são atividades reservadas para momentos de vitória. São práticas de resistência espiritual que sustentam a alma no vale da sombra e da incerteza.

Meditação e Estudo Contínuo

O estudo acadêmico e a meditação devocional dos Salmos não são opostos — são complementares. O rigor exegético aprofunda a adoração; a adoração ilumina o entendimento do texto sagrado.

Conclusão e

Os Salmos 69 a 75 constituem um tesouro inestimável da espiritualidade bíblica. Em sua profundidade poética, rigor teológico e alcance profético, esses textos atravessam milênios para falar com urgência e beleza à alma humana contemporânea. Do clamor no abismo à exaltação no santuário, eles narram a experiência universal de quem caminha pela fé.

"A Palavra de Deus é viva e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes." — Hebreus 4:12

Que este comentário exegético não seja apenas objeto de estudo intelectual, mas convite vivo à meditação, à oração e ao aprofundamento da relação com aquele que é a fonte de toda sabedoria. Que cada versículo analisado seja uma porta aberta para o encontro pessoal com o Deus dos Salmos — eterno, justo, misericordioso e soberano.

[Iniciar Leitura Devocional](#)

[Compartilhar Estudo](#)

Assinatura e Versículo Final

Autor

Jônatas Silva da Cruz

Teólogo

Estudioso das Escrituras Sagradas, dedicado à exegese bíblica rigorosa e à formação teológica com base nos textos hebraico e grego.
Comprometido com a fidelidade à Palavra e o serviço à Igreja de Cristo.

Versículo da Bênção

"Entrega o teu caminho ao Senhor; confia nele, e ele o fará."
— **Salmo 37:5 (KJA)**

Que este estudo dos Salmos 69–75 seja instrumento de edificação, aprofundamento da fé e glorificação do Deus eterno, que sustenta, julga, restaura e reina sobre toda a criação e sobre cada coração que se volta a Ele em oração e louvor.

☆ [COMENTÁRIO ACADÊMICO](#)

[SALMOS 69–75 KJA](#)